



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

**Maicon Pereira da Cunha**

## **A adolescência e seus impasses na pós-modernidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de formação de psicólogo.

**Orientador: Prof. Joel Birman**

**Rio de Janeiro**

**2010**

Cunha, M. **A adolescência e seus impasses na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Formação de Psicólogo) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

**Agradecimentos:**

Aos meus pais, pela vida.

À professora Nilma de Almeida, pelo carinho e incansável incentivo à pesquisa, fazendo perceber a psicologia nas questões mais simples e não menos complexas do cotidiano.

## SUMÁRIO

1	Introdução -----	4
2	As tecnologias e a produção de subjetividade -----	5
2.1	As novas tecnologias e o mundo cyber -----	5
2.2	A Comunicação Mediada por Computador -----	7
2.3	O Orkut: funcionamento da rede e seu sucesso no Brasil -----	10
3	Narcisismo na pós-modernidade e a adolescência -----	13
3.1	Sobre o narcisismo -----	13
3.2	O narcisismo na pós-modernidade -----	14
3.3	Economia, violência e juventude -----	18
4	A adolescência atual -----	20
4.1	Surge um novo adolescente -----	20
4.2	Adolescência e o Orkut -----	23
5	Conclusão -----	28
6	Referências Bibliográficas -----	29

## 1- Introdução

A proposta deste estudo se originou no questionamento da articulação das relações consolidadas entre os dispositivos das novas tecnologias da comunicação e informação e a promoção das subjetividades num cenário contemporâneo. Tentar entender e aprofundar o debate sobre a implicação da era da sociedade digitalizada no cotidiano do sujeito pós-moderno era o vislumbre deste trabalho.

Através da rede de relacionamentos virtual Orkut, a mais famosa no Brasil, um recorte neste quadro seria feito tendo em vista a explicitação desta articulação proposta. A dificuldade era estabelecer o ângulo pelo qual seria feita a pesquisa. Foi então que surgiu uma questão interessante: a expectativa de encontrar um público eminentemente adolescente, no sentido mais comum do termo, deu lugar à descoberta de que o Orkut está sendo cada vez mais explorado por um outro grupo de adolescentes, aqueles que já passaram dos 30 anos. Mas porquê situarmos estes na adolescência? A partir de então eis uma nova questão para atravessarmos.

Desta forma, fomos ao Orkut com a intenção de conhecer melhor, através deste recorte das relações virtuais, quem é este novo adolescente, que surge no quadro da pós-modernidade. E neste sentido, questionamos a validade do conceito de adolescência como submetido a critérios calcados sob um registro biológico e/ou psicológico. Ser adolescente atualmente é muito mais do que apenas estar passando por uma fase de descobertas, confusões identitárias ou de questionamentos da ordem social vigente. Para entender melhor quem é o adolescente de hoje é preciso investigar que mudanças sociais e histórias estão na base da construção de um outro modo de ser, e que conseqüências são possíveis de serem extraídas a partir desses imbróglis.

## 2- As tecnologias e a produção de subjetividade

### 2.1.- As novas tecnologias e o mundo cyber

A partir da década de 90 do século XX, com a disseminação da internet, novos processos se originaram na base das relações não apenas econômicas ou políticas, mas também interpessoais e subjetivas. A proliferação das novas tecnologias da informação e comunicação na contemporaneidade está engendrada num processo constante de transformação da realidade e do modo como o sujeito pós-moderno está inserido neste contexto. Como sustenta Castells (1998, p. 411) “A revolução da tecnologia da informação motivou o surgimento do informacionalismo como a base material de uma nova sociedade”. As marcas dessa nova sociedade estão espalhadas e coadunadas numa ação indissociável da promoção de outras formas de relacionamento. Não é possível conceber a pós-modernidade sem pensar nos atravessamentos constituídos e constituintes de novas práticas sociais que emergiram dos dispositivos advindos do mundo cyber.

O ciberespaço é o espaço das trocas de informações digitais. Neste, os dados circulam num fluxo muito mais intenso e veloz do que outrora, quando não existia tecnologia disponível para a sustentação do câmbio informacional da forma como ocorre na atualidade. O termo ciberespaço como entendido por Lévy (1999, p.92) é “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. Ele chama atenção para o fato de que este espaço não se restringe às possibilidades oferecidas pelo computador, mas se amplia num conjunto dos sistemas de comunicação eletrônica. Quer dizer, o ciberespaço não se esgota nas trocas realizadas pela internet, mas se configura enquanto um espaço que abrange os dispositivos que operam

seguindo a lógica da digitalização, como os celulares, por exemplo.

Desta forma, a internet está envolta numa dinâmica maior que diz respeito à circulação de dados que ditam a regra das transações comerciais e empresariais, se ampliando cada vez mais. Os serviços oferecidos precisam se adequar à era da digitalização. O destino das operações realizadas segue a lógica da informatização, de forma que uma grande base de dados é arquitetada. A tese levantada por Poster (citado por Fidalgo, 2001) é de que os discursos que são efeitos dos dispositivos permeados no cotidiano atual podem ser pensados à luz do que ele chama de super-panopticon<sup>1</sup>, constituído pelas bases de dados. Isto porque se constrói uma enorme base de dados hoje em dia, onde “operam de forma contínua, sistemática e sub-reptícia, acumulando informação acerca dos indivíduos e compondo-se em perfis” (ibid, p. 6). Ou seja, para Poster, as tecnologias atuais de controle agem na promoção cada vez maior de acúmulo de informações sobre os indivíduos, arquitetando novas formas de conhecimento sobre estes. Isto pode ser exemplificado nas buscas realizadas pelos usuários de internet que ficam registradas, no grande acervo de dados que é gerado e atualizado dos cartões de crédito, bem como dos celulares, enfim. É interessante ressaltar que esta representação da atualidade como uma ampliação da idéia de um grande panóptico é passível de crítica, como faz Lianos (2003), que sustenta rupturas sensíveis na base da organização social a que estão embasados os modelos referidos. Para Lianos, é preciso sublinhar que o panóptico está circunscrito à modernidade, sendo assim necessária a consideração de que é um erro simplesmente transpor a idéia para a pós-modernidade, negligenciando

---

<sup>1</sup> Referencial baseado em Foucault (1973), que utiliza o modelo prisional denominado panóptico para pensar a constituição da subjetividade moderna.

características inerentes às mudanças sócio-históricas. De qualquer forma, a problemática aponta para um entrelaçamento entre a constituição subjetiva e as tecnologias disponíveis em cada momento histórico.

Dentro do ciberespaço, a internet se configura como a base material que é demandada para a realização dos processos referentes ao mundo da informatização. A internet não é o ciberespaço, mas está dentro do funcionamento desta engrenagem, que é motor do mundo pós-moderno. Feita esta diferenciação, falaremos mais especificamente das operações que se realizam dentro da internet, através do que hoje é conhecido como Comunicação Mediada por Computador (CMC).

## 2.2.- A Comunicação Mediada por Computador

A internet se destacou de forma intensa no modo de comunicação desde a década de 90, ganhando notória visibilidade dentro dos estudos referentes não apenas às tecnologias e produção de softwares, mas na área das ciências humanas. Sociólogos, antropólogos, psicólogos vêm se interessando cada vez mais pelos efeitos produzidos por essa nova ordem ditada pela era da informatização. Um termo advindo do inglês *Computer Mediated Communication* vem ganhando destaque nos estudos referentes à internet. (Jungblut, 2004). A Comunicação Mediada por Computador (CMC) diz respeito às conexões que podem ser realizadas dentro na rede de alcance mundial. A novidade em relação às outras formas de comunicação *mass media*<sup>2</sup>, é que a CMC permite extrapolar o campo da verticalidade da informação. Ou seja,

---

<sup>2</sup> O termo em inglês tem um sentido em português relativo aos meios de comunicação de massa.



como meio de comunicação a Internet pode tanto ser um substituto do telefone ou do correio convencional, ao permitir a comunicação *um-para-um*, como possibilitar uma base para as chamadas “comunidades virtuais”, já que permite a comunicação *muitos-para-muitos*. (ibid, p.105)

Assim, diferentemente da televisão, dos jornais, rádio, que eram as formas de comunicação por excelência até o advento da internet, nesta, a informação ganha um estatuto mais dinâmico na sua forma de produção e expansão. Se antes, a notícia era veiculada apenas pelos grandes jornais, uma vez ao dia, um acontecimento que ocorre agora ganha destaque no mesmo momento. Essa é uma outra característica da CMC: a informação é modificada na sua relação espaço-temporal, uma vez que um fato é noticiado em tempo real e chega a qualquer parte do mundo através dos dispositivos tecnológicos operados pela CMC. Um outro detalhe importante é o papel do usuário, que passa a ser muito mais ativo e interativo. O mero telespectador, leitor, ouvinte se modifica na sua relação com o mundo, podendo a qualquer momento de leitor para autor. O fenômeno dos blogs<sup>3</sup> é prova de quão expansivo é o movimento de registro de troca de informações através dos usuários da internet em seus diários virtuais. Os blogs ganharam tamanha relevância, que se tornaram objetos de investigação (Bruno, 2005, Primo, 1997).

A CMC opera seguindo um padrão de comunicação síncrona e assíncrona. Na primeira, o operador é a instantaneidade da comunicação, isto é, a mensagem é enviada se o interlocutor estiver on-line, como ocorre nas salas de bate-papo, ou no MSN. Já na

---

<sup>3</sup> Outros dispositivos virtuais ganham notória expansão, mas não são abordados aqui, pois são recentes ferramentas que ganham destaque paralelamente a esse estudo. É o caso do twitter, por exemplo.

comunicação assíncrona, a mensagem somente é recebida pelo receptor quando este acessar o site ou o serviço determinado, não havendo uma sincronicidade na comunicação. É o que acontece com os e-mails, por exemplo, onde o emissor da mensagem não recebe, necessariamente, a resposta na mesma hora, pois não sabe se o seu interlocutor está conectado. Acontece isso nos sites de relacionamento também, como o Orkut. Haveremos de nos deter mais especificamente agora no Orkut. Todavia, algumas considerações ainda sobre o padrão de comunicação ainda merecem a atenção.

Há que serem feitas ressalvas sobre o MSN, no sentido das múltiplas possibilidades oferecidas atualmente. Rumamos cada vez mais para uma indistinção entre a comunicação síncrona e assíncrona. A Microsoft Service Network (MSN) é uma rede de serviços disponibilizada pela Microsoft em que há uma comunicação instantânea dos usuários. Forma-se uma rede de amigos, familiares, pessoas do trabalho através de um endereço de e-mail. Ao conectar-se à internet, e abrir o programa do MSN, é possível visualizar quem está ou não conectado ao mesmo tempo, e iniciar uma conversa. Entretanto, já é possível mandar uma mensagem para alguém mesmo estando off-line. Este recurso foi possível graças a algumas configurações diferenciais permitidas pelas atualizações das versões do MSN. Isto permite também uma comunicação assíncrona, pois o receptor da mensagem pode recebê-la mesmo estando off-line, e quando se conecta, a mensagem estará disponível. Da mesma forma, as mudanças no Orkut permitiram passar alguns dos recursos da comunicação assíncrona para a síncrona, pois além de mandar os famosos scraps, agora já é possível verificar quem está on-line no site, o que não acontecia quando o Orkut foi lançado. Nos deteremos mais especificamente ao funcionamento do Orkut, tendo inserido o contexto em que este se encontra.

### 2.3.- O Orkut: funcionamento da rede e seu sucesso no Brasil

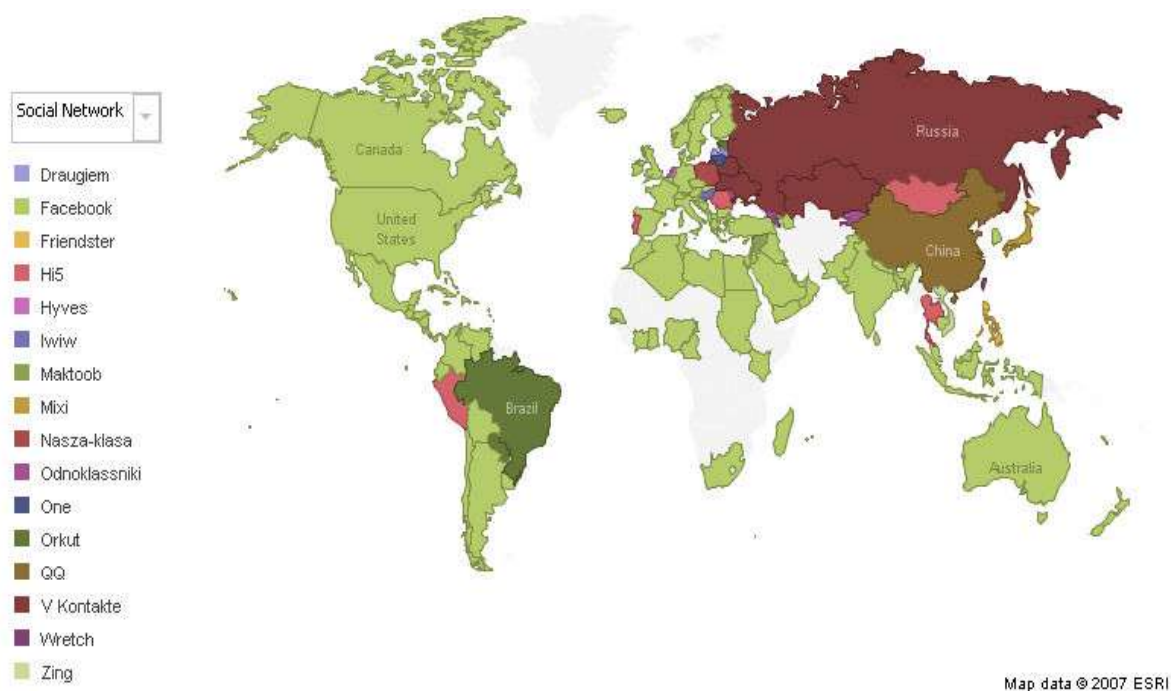
O Orkut é um site de relacionamentos que conecta pessoas, através de uma rede social filiada ao Google. Criado em 2004<sup>4</sup> com o intuito de fazer com que seus membros ampliassem seu espectro de amizades, o Orkut tem este nome porque foi arquitetado pelo engenheiro Orkut Büyükkökten. O interesse no estudo do Orkut ocorre devido à amplitude que o site obteve, se tornando um dos mais populares no Brasil. Segundo pesquisa divulgada em março de 2009 pela Nielsen, uma empresa global de informações e mídia, o Brasil é o país com maior número de internautas que usam sites de relacionamento.

De acordo com a Nielsen, o site Facebook é o líder das redes de relacionamento no mundo, com 108,3 milhões de usuários únicos - mais do que o dobro do que tinha em 2007. No Brasil, entretanto, apenas 2% dos internautas visitam o Facebook, enquanto o Orkut atinge 70% deles (Tabela 1) - a maior audiência doméstica conseguida por um site de relacionamento. Na frequência de uso, 84% das pessoas entram no Orkut todos os dias, mas 49% postam novos conteúdos. Os recursos mais utilizados pelos visitantes do Orkut são os álbuns de fotos (92% das respostas), seguidos por comunidades (81%), mensagens (76%), depoimentos (65%), scrapbook (61%), busca (59%), vídeos e amigos (53%), vídeos (49%) e finalmente os aplicativos do Orkut (Open Social), com apenas 34%.

---

<sup>4</sup> Dados retirados da enciclopédia virtual Wikipedia, em setembro de 2009

Tabela 1 – Mapa Mundial das Redes Sociais Virtuais



fonte: <http://manyeyes.alphaworks.ibm.com/manyeyes/visualizations/world-map-of-social-networks-dec-2>

No início do Orkut, era necessário um convite de outrem para ser aceito na rede. Atualmente isto não é condição de inserção, sendo necessário apenas ter uma conta de e-mail para se cadastrar. O layout do site é composto da rede de amigos que são adicionados, as comunidades de pertencimento, os aplicativos com jogos que constantemente surgem, as datas de aniversário dos amigos que estão aniversariando na data aproximada, e as atualizações dos amigos. Os usuários podem encontrar amigos com os quais têm contato no cotidiano e adicioná-los, ou encontrar pessoas nas comunidades do Orkut. Nessas comunidades, as pessoas trocam informações, interagindo por fóruns de discussões de acordo com a proposta da comunidade.

Por conta do enorme sucesso alcançado do site Orkut no Brasil, e da repercussão que este obtém é que propomos a aprofundar algumas investigações sobre o modo de ser

contemporâneo. O Orkut teve um *boom* no Brasil, principalmente entre os jovens e adolescentes. O público maior está na faixa-etária dos 18-25 anos (53%). Neste sentido, este trabalho visava, de início, entender um pouco mais de como o Orkut tinha uma implicação na vida desse público, e entendendo que esta relação da juventude com a internet, e mais especificamente, com o Orkut se insere numa dinâmica pós-moderna. Entretanto, uma questão interessante relativa à faixa-etária surgiu e uma nova alternativa de pesquisa se impôs. Esta questão diz respeito ao aumento do número de usuários com idade mais avançada. É nesta discussão que pretendemos chegar. Para isso, discursaremos um pouco mais sobre o estatuto da pós-modernidade, já que este público faz parte deste contexto.

### 3 Narcisismo na pós-modernidade e a adolescência

#### 3.1 Sobre o narcisismo

Dentro da teoria freudiana, os artigos metapsicológicos se configuram como sendo centrais por se tratarem de textos que condensam vários elementos importantes da psicanálise de uma forma conceitual e sistemática. Um dos pilares da psicanálise diz respeito à idéia do narcisismo. Freud proporciona inovações no texto de 1914, “À Guisa de Introdução ao Narcisismo”, como, por exemplo, retirar do termo a conotação negativa, vigente até então, onde o narcisismo era comumente associado a uma idéia de perversão, ou seja, para Freud o narcisismo em si não seria uma patologia, mas da ordem do normal, daquilo é inerente ao Homem.

Freud diz sobre a importância do narcisismo na própria constituição subjetiva. Ele desenvolve a questão da distribuição da energia libidinal e da gênese desta energia, até certo ponto causando, como ele próprio diz, um mal estar entre os psicanalistas, pois ele foi obrigado a rever uma distinção muito evidente até então, entre libido objetal e libido egoica. Há uma energia mais ou menos fixa de libido, que flui de acordo com os investimentos, ora nas relações com o objeto, ora voltados para o eu: “Constatamos também haver, grosso modo, uma oposição entre a libido do Eu e a libido objetal. Quanto mais uma consome, mais a outra se esvai.” (Freud, 1914, p.99). Estes investimentos libidinais no eu são o que configuram o que é chamado de narcisismo. O narcisismo se estabelece, portanto, de forma correlata ao próprio sujeito na medida em que os

investimentos libidinais relacionados às experiências identitárias se forjam na confluência daquilo que será marca do movimento pulsional fundador da condição desejante e conseqüentemente da própria condição humana.

### 3.2- O narcisismo na pós-modernidade

Na atualidade verificamos um movimento de apreender da clínica o narcisismo e rumamos para uma compreensão mais ampla e global de uma idéia de auto-valorização. Lasch (1983) desenvolve a idéia da sociedade atual como uma *cultura do narcisismo*. Em seu texto, ele chama atenção para a massificação do narcisismo envolto numa atmosfera que transpassa a barreira da clínica, mas que se formula em sua amplitude social.

A formulação clínica do narcisismo não deve ser negligenciada, pois é de suma importância, até para o conhecimento do funcionamento das novas modalidades de estruturação mental. Mais do que nunca se fala nos quadros ditos fronteiraços, borderlines. A psicopatologia da pós-modernidade se funda sob os quadros das depressões, toxicomanias e a síndrome do pânico (Birman, 2007). O paciente da atualidade não chega mais com uma queixa tipicamente histérica ou de neurose obsessiva. A repressão de outrora que facilmente sugeria a histeria de conversão cede espaço a uma queixa da ordem da sua própria existência; ele não sabe quem ele é. As queixas são vagas. No lugar de um quadro fóbico, geralmente o paciente relata sobre a dor de existir:

Ele [o paciente] não sofre de fixações ou fobias debilitantes, ou de conversão de energia sexual reprimida em moléstias nervosas; ao invés, ele se queixa de “insatisfação difusa, vaga, com a vida”, e sente que sua existência é fútil e sem finalidade”. Ele descreve

“sentimentos de vazio sutilmente experimentados, embora penetrantes, e de depressão”,  
“oscilações violentas de auto-estima” e “uma incapacidade geral de progredir”. (op. cit,  
1983, p.62)

As formas de sofrimento contemporâneo se identificam como perturbações da ordem do narcisismo. Sejam nos quadros de depressões, toxicomanias, pânico, anorexia, as doenças psicossomáticas, a questão nevrálgica se fundamenta em um outro modo de relação com o narcisismo. Há um processo de desnarcização dos sujeitos, na medida em que se alteram as configurações da ordem familiar e social. A criança da era moderna, a “majestade o bebê” perde a sua aura, e uma outra infância entra em cena na atualidade. Isto é resultado, fundamentalmente, de mudanças significativas, dentre as quais podemos citar a desestruturação da família nuclear burguesa.

Dentro da perspectiva da identificação das novas formas de sofrimento psíquico atrelado às perturbações narcísicas, o ponto de vista sustentado por Lasch (op cit.) é de que há uma ampliação do conceito do narcisismo da clínica para o social. Neste sentido, não apenas falamos do paciente fronteiro, mas falamos do próprio sujeito contemporâneo. Este sujeito é marcado por um autocentramento no eu, mas de forma superficial. O envolvimento relacionado às experiências de afetividade se sustenta sob o registro da efemeridade. O narcisismo atual, diferentemente daquele situado por Freud, faz predominar um tipo de relação onde o outro é retido enquanto serve para o próprio usufruto, sendo dispensado ao menor indício dessa experiência trazer desprazer. Assim, as relações se constituem de forma onde não há um aprofundamento, se realizando no domínio do descartável. Em outras palavras, se o sujeito analisado por Freud, o sujeito moderno, tem um modo de exercício do seu narcisismo de modo a que ora há um



investimento no eu, ora no objeto, o que verificamos na atualidade é que o investimento no outro se sustenta no investimento ao próprio eu, pois a dimensão da alteridade é negligenciada. Ou seja, só se investe no outro enquanto há algo que possa servir ao eu, extraindo satisfação para si próprio.

Assim, o narcisismo enquanto *metáfora da condição pós-moderna* cria possibilidade de extrair consequências do modo de ação do sujeito atual frente à sua realidade: “proporciona-nos ele [o conceito de narcisismo], em outras palavras, um retrato toleravelmente agudo da personalidade “liberada” de nossos dias (...) sua superficialidade protetora, sua evitação da dependência, sua incapacidade de sentir, pesar, seu horror à velhice e à morte.” (op. cit., p. 76).

O conjunto de características que, de uma forma ampla, permite apontar o *modus operandi* do sujeito atual se encontra no bojo do que pode ser chamado pós-modernismo. Em seu livro *O Mal-Estar da Pós-Modernidade*, Bauman (1998), baseando-se em Freud, sustenta que “os mal-estares, aflições e ansiedades típicas do mundo pós-moderno resultam do gênero de sociedade que oferece cada vez mais liberdade individual ao preço de cada vez menos segurança” (p. 156). Ele afirma que a identidade do homem pré-moderno, marcada por uma rigidez, na pós-modernidade vai sofrer uma grande fragmentação. O homem pós-moderno tem uma chance de romper com tudo o que, por um lado, traz segurança, mas por outro lhe aprisiona. Ele agora tem a liberdade de escolha e isso tem relação com sua identidade. Ele deixa de lado a solidez de uma identidade marcada por princípios fortemente consolidados e passa a adotar uma filosofia de flexibilização de sua identidade:

atualmente, o problema da identidade resulta principalmente da dificuldade de se manter fiel a qualquer identidade por muito tempo, da virtual impossibilidade de achar uma forma de expressão da identidade que tenha boa probabilidade de reconhecimento vitalício, e a resultante necessidade de não adotar nenhuma identidade com excessiva firmeza, a fim de poder abandoná-la de uma hora para outra, se for preciso.” (ibid, p. 155)

Na impossibilidade de viver o sofrimento e elaborar psiquicamente, o sujeito pós-moderno acaba por se lançar à busca pelo novo, pelo arriscado. A segurança moderna encontra resistência para sobreviver nos novos tempos. Atualmente, vive-se intensamente o risco em detrimento da rotina, que outrora trazia a estabilidade. O movimento contemporâneo é pela busca do novo, independente das conseqüências que possa trazer. (Bauman, op. cit). Com isso, tudo se torna efêmero, momentâneo. Aquilo que ontem era uma grande novidade, hoje já corre o risco de ser atrasado. O tempo parece passar mais rápido e o resultado disso é uma pobreza no processo de elaboração psíquica. É neste sentido que reafirmamos que o desejo na pós-modernidade se encontra em frangalhos (Birman, 2006).

A perspectiva explorada por Debord em *Sociedade do Espetáculo* (Debord, 1997) afirma na sustentação teórica da fragmentação subjetiva atual. A espetacularização tende a ser desenvolvida sob o aspecto da primazia da imagem como elemento fundamental no processo de engendramento da constituição da sociedade e, portanto, do sujeito contemporâneo. Neste sentido, são verificadas alterações na constituição da articulação entre psiquismo e corpo. Este passa a servir como suporte de identificação *imediate*.

### 3.3- Economia, violência e juventude

Nos meandros da caracterização da vida contemporânea, a nova ordem social regida pelo neoliberalismo traz, como forma de sistematização dos modos de produção, elementos que podemos apontar como sendo ratificadores da violência urbana. A articulação entre a atual fase do capitalismo e a ordem social tem como resultado novas formas de subjetivação, que um autor como Sennet (1999) denomina de “corrosão do caráter”. Segundo o autor, o próprio senso de caráter pessoal é modificado de acordo com o novo capitalismo, na medida em que novos sentidos e significados são atribuídos ao trabalho.

O que está em jogo na narrativa de Sennet é um espectro de transformações sociais que estão relacionadas às questões econômicas, fruto de uma contextualização do capitalismo atual. Com a globalização da economia fundamentada no discurso neoliberal, o Estado perde mais poder enquanto o Capital ganha mais força com uma circulação mais intensa. Neste sentido, um verdadeiro abismo entre países ricos e pobres é evidenciado, pois as empresas multinacionais se utilizam da mão-de-obra barata oriunda dos países pobres, para aumentar seu poder. Não é difícil perceber que uma necessidade de especialização é vertiginosamente exacerbada, intensificando o processo de exclusão dos menos capacitados. A ética do trabalho, nesta conjuntura, exige uma adequação aos meios de produção, forçando a uma maior qualificação. É neste quadro que o desemprego aumenta de forma avassaladora.

O que percebemos, desde o começo da vida é um movimento no qual a preparação para conquistar um lugar no mercado de trabalho é arquitetada. As crianças de hoje

estudam, fazem aulas de idiomas, ballet, natação. Não há espaço para serem crianças, pois elas representam a virtualidade de um projeto muito bem definido pela classe média, que é a necessidade de se pensar a inserção neste mercado de trabalho que aniquila quem não for adaptável às circunstâncias.

No que concerne à nova cartografia do mercado de trabalho, as alterações sociais decorrentes das mudanças no modo de organização econômica são extremamente importantes de serem apontadas. Destacamos aqui um aspecto interessante nesta problemática, no que diz respeito à construção da juventude.

Um mapeamento da juventude atual é feito por Birman (2008), em um trabalho que se pauta na perspectiva da enunciação de uma relação entre os quadros econômicos e novas formas de viver e de construir uma subjetivação. O autor sustenta uma caracterização baseada numa narrativa que abrange a totalidade dos aspectos relativos à juventude na sua forma de entrelaçamento com a criminalização e a violência que não se isolam na periferia das grandes cidades, mas que estão instauradas na classe média. A juventude atual se caracteriza por uma radical diferença quanto aos padrões antigos de ser adolescente, ser jovem. O que nos interessa aqui é uma nuance no que diz respeito à juventude como um processo de construção e não como um dado, como fundamentada somente sob um ponto de vista de uma evolução biológica. É sobre isto que iremos nos deter agora.

## 4 Adolescência atual

### 4.1 Surge um novo adolescente

Pensar a juventude como uma construção sócio-histórica permite avançar na discussão de uma conjuntura que precisa ser contextualizada. O que percebemos na atualidade é um fenômeno que se intensifica e se torna cada vez mais comum, que é a continuação da vida na casa dos pais mesmo depois dos 30 anos de idade. Há algum tempo atrás, o fato de que alguém passasse um pouco dos 20 anos para casar, rapidamente seria identificado como um grande problema. Esse era o molde de uma organização que se consolidou no século XIX, da família nuclear, onde o papel da mulher era ser mãe e educar os filhos.

Como desenvolve Ariés (1981), a família, em fins do século XIX, passa de um grande agregado de pessoas em volta de uma mesma casa, onde se confundiam os papéis dentro da família, para a construção estratégica de um ideal de família nuclear. A família nuclear representa a preocupação com relação à qualidade de vida; os cuidados com relação à criança são elevados a uma categoria de prioridade, até mesmo porque é neste momento em que há a criação da infância. Até o século XIX, a criança não passava de um adulto em miniatura. Com essas mudanças, ela passa a ser a *Sua Majestade, o bebê*<sup>5</sup>.

Sob as condições de uma fundamentação concernente à família, a feminilidade é pareada à condição materna. À mulher nada mais cabia senão os cuidados com relação ao zelo da casa, do seu esposo e dos seus filhos. Todo seu investimento libidinal está represado no domínio da maternidade. O desejo, como nos manuais catequéticos, se

---

<sup>5</sup> É a maneira como Freud se refere à criança em “À Guisa de Introdução ao Narcisismo” (1914).

encontra indissolúvel dos fins da procriação. Se considerarmos, por exemplo, um caso clínico importante dos escritos de Freud, o Caso Dora (*Fragmento da Análise de um caso de Histeria*, Freud, 1905), veremos que a mãe de Dora é o exemplo da mulher que é estandarte deste modo de exercício de feminilidade. Tanto é que a trama clínica de Dora tem um importante aspecto que a busca do que é “ser mulher”, ideal que Freud articula à figura da Senhora K. Assim, uma psicopatologia como a histeria pode ser compreendida como uma manifestação moderna sob o signo do protesto corporal com relação a um exercício da sexualidade que repousa a atividade sexual no ideal vitoriano, circunscrita apenas à reprodução. A paralisia de um membro do corpo, então, pode ser pensada como símbolo de um excesso pulsional que instaura um desequilíbrio frente às exigências que são impossíveis na sua própria origem.

Com mudanças radicais ocorridas na metade do século XX, tais como o advento da pílula anticoncepcional e as revoluções feministas, a família nuclear é desmantelada. Atrelado ao modo de organização econômica neoliberal, os “trintões” ou até mesmo os “quarentões” não vêm necessidade de sair da casa dos pais, para construir sua própria família.

O que está em jogo é um processo de subjetivação que se enquadra na extensão da adolescência, pois a permanência na casa dos pais implica num outro modo de se ver. Quer dizer, há uma continuação do exercício da condição de “filho”. Isto porque está em questão, fundamentalmente, dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Desta forma, a adolescência começa mais cedo e se estende de maneira excessiva. Birman (op. Cit) argumenta que:

A infância se estreita atualmente em decorrência dos imperativos de performance impostos às crianças desde muito cedo, diminuindo bastante o espaço e o tempo dos jogos e brincadeiras infantis, incidindo isso então diretamente sobre o imaginário infantil. Em contrapartida, a adolescência se prolonga excessivamente, como conseqüência da impossibilidade de inserção social dos jovens no mundo do trabalho e nos impasses para a constituição de um novo núcleo familiar. (p. 94)

Assim, é preciso refletir sobre o estatuto da adolescência como resultante de um discurso psicologizante ou biologizante. Antes, se faz necessário contextualizar a adolescência dentro de uma inscrição simbólica costurada sob um registro sócio-histórico. A adolescência é uma construção moderna, marcada por uma preocupação com a biopolítica, biogenética e governo econômico das populações (Foucault, 2008). Ou seja, a adolescência nasce organizada dentro de um padrão em que eram muito bem delimitadas as idades da vida, tais como infância, adolescência, fase adulta. (Ariès, *op. cit.*), enquanto na atualidade o que se percebe é que a adolescência se altera na sua conformação. Neste sentido, é o próprio conceito de adolescência que se vê questionado na sua origem.

No vislumbre da identificação de uma espécie de confusão acerca da identidade adolescente na atualidade é que erigimos o Orkut como dispositivo de análise para entender melhor determinados aspectos do modo de viver adolescente, sob o ponto de vista desta rede de relacionamento virtual.

## 4.2 Adolescência e o Orkut

*“Se não existisse mais o Orkut, seria como se tirasse um pedaço de mim”*. I., 46 anos

Nos quadros expostos sobre a pós-modernidade, a adolescência é um bom indicador da exposição da produção de subjetividade atual. Com efeito, a adolescência costuma ser tida com uma etapa limítrofe da vida, um estágio de passagem entre a infância e a vida adulta. Sob um ponto de vista psicanalítico, a adolescência pode ser entendida como “o tempo e o trabalho de integração das transformações da puberdade” (Birraux, 1994, p. 39), sublinhada por ser um momento de reformulação dos padrões identitários e de solidificação da identidade sexual. Segundo Emmanuelli (2008), a adolescência se caracteriza pela retomada ou ressurgimento do Édipo, na medida em que surge a possibilidade da “redescoberta, uma vez que [o tempo da puberdade] restabelece a relação original instituída pela via do apoio da pulsão sexual na pulsão de autoconservação” e assim “essa proximidade vai se traduzir em seguida na escolha de novos objetos de investimento, que trazem a marca dos objetos infantis.” (p.21).

Certamente, é durante determinado momento em que há uma maturação biológica do corpo. Os processos hormonais se alteram e modificações sensíveis são sentidas no plano psíquico e corporal. Não desconsideramos a dimensão auspiciosa atrelada à puberdade, onde uma pressão pulsional se manifesta no sentido do pareamento da pulsão sexual com a genitalidade, sendo este um período de conturbadas mudanças. No entanto, a adolescência não se esgota nesta definição. A extrapolação para o campo do social se faz necessária, como já exposto. Identificamos uma espécie de prolongamento da adolescência



e para efeito de um vislumbre sobre como este fenômeno se manifesta no cotidiano, elegemos no Orkut dois grupos de adolescentes. Situamos um público que seria o de adolescentes no sentido convencionalmente atribuído à adolescência, na faixa etária que compreende o início da puberdade até aproximadamente os 18 anos. Este grupo será chamado de grupo 1. E outro grupo de adolescentes que seriam os já enunciados “trintões”, ou “quarentões”, que chamamos de grupo 2

Foi realizada uma entrevista com algumas pessoas, tanto do primeiro grupo, quanto do segundo grupo, que continham uma conta no orkut. No início do site, em 2004, o público que se inscrevia era basicamente de adolescentes do que chamamos de grupo 1. Hoje em dia, o grupo 2 já tem um número expressivo de usuários na rede. Segundo dados do próprio Orkut, os usuários entre 18<sup>6</sup>-25 anos são 53% do total; entre 26-30 anos ocupam uma parcela de 15%; entre 31-35 anos são outros 6,7% e entre 36-40 correspondem a 4,2%. Ou seja, se compreendermos a faixa entre 26- 40 anos, há um público de aproximadamente 26%, o que equivaleria a mais de ¼ do total dos usuários.

Percebemos algumas narrativas que nos permitem apontar diferenças que se sobrepõem àquelas entre as próprias pessoas dentro de um grupo, mas que são comuns àquele grupo na apreensão do site como forma de se relacionar na internet. A entrevista consistia numa espécie de conversa em que não havia qualquer estrutura prévia, mas era deixado o discurso livre para a pessoa falar sobre questões como: o que o Orkut significava para ela, para o quê era utilizado o site. A partir daí, seguia-se o fluxo da conversa com os próprios dados trazidos pela pessoa.

---

<sup>6</sup> O cadastro no site aceita a idade mínima somente a partir de 18 anos. Por isso não há forma de computar os usuários com idade menor a esta.

No grupo 1, as pessoas relatam uma espécie de desprendimento do site. Isto porque dispõem de outras ferramentas possíveis na web com facilidade. Em geral, essas pessoas estão com várias páginas abertas na internet. Ao mesmo tempo em que estão no Orkut, estão também no MSN, baixando música, enfim. Uma pesquisa realizada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em que foram entrevistados 160 adolescentes entre 15 e 18 anos, concluiu que 65% dos jovens passam a noite em frente ao computador e, desse total, 76% utilizam o PC entre 18 horas e às 6 horas da manhã. No grupo 2, as pessoas não costumam passar muito tempo na internet, e não se utilizam dos dispositivos on-line com a mesma frequência que as do grupo 1. O grupo 2 está constantemente surpreso com a quantidade de estímulos que advém da internet e das múltiplas possibilidades de ação na web. Uma entrevistada deste grupo revelou que com o Orkut, ela passou a se preocupar mais com pessoas que antes estavam esquecidas. Segundo ela, o Orkut possibilitou que ela entrasse em contato com uma tia que não tinha contato há muito tempo. Diga-se de passagem, a possibilidade de reencontrar familiares e amigos de infância, da escola, é um fator apontado com bastante frequência pelos usuários do grupo 2 ao falar de qualidades positivas do Orkut.

Por falar em qualidades positivas, o Orkut é apontado no grupo 2 como sendo o dispositivo privilegiado no acesso à internet. Quer dizer, essas pessoas basicamente entram na internet para acessar o site somente. Neste sentido, é notória uma espécie de vício, como na fala de uma participante que diz que se não existisse o Orkut, seria como se fosse tirada uma parte dela.

Um outro dado relevante é que as pessoas do grupo 1 conhecem pessoas, seja no Orkut, seja na internet, de um modo geral, e rapidamente passam para o MSN, onde há um

tipo de conversação sincrônica e mais reservada. Nas pessoas do grupo 2 isto não ocorre, sendo o MSN bem particular, destinado para o contato com familiares e amigos próximos, geralmente.

Não é raro um participante do grupo 2 relatar que o Orkut favoreceu a intensificação da relação com parentes que não fazem parte de seu núcleo familiar mais próximo. Já no grupo 1, parece ocorrer o efeito inverso, uma vez que é comum as pessoas serem mais “espontâneas” na internet, e sentirem mais vergonha ou pelo menos algum nível de maior dificuldade no estabelecimento e manutenção das relações interpessoais presenciais. E esta dificuldade se mostra na retração cada vez maior, seja no contato com a família, pois os membros da casa ficam em seus cômodos isolados, seja no cotidiano com as pessoas que fazem parte de seu convívio social.

Uma característica bem nítida na distinção entre os dois grupos é que dificilmente as pessoas do grupo 2 se utilizam do Orkut para fazer novas amizades. Geralmente, estes só adicionam na sua lista de amigos as pessoas que fazem parte da sua vida cotidiana, familiares, amigos do trabalho. Enquanto que no grupo 1, é muito comum as pessoas adicionarem outras sem necessariamente conhecerem presencialmente. Sobre este aspecto, interessante notar que um dos pontos mais fortes de todo este trabalho se deu numa entrevista com uma pessoa do grupo 1 em que ela se emociona por várias vezes. Sua história de vida e as articulações com a rede são aprofundadas por ela, sendo esta entrevista uma verdadeira possibilidade de catarse. Em um determinado momento ela engasga, o olhar se torna deveras vazio e com a voz trêmula diz que tem mais de 700 amigos no Orkut, mas que na “vida real”, como ela mesmo diz, quase não têm amigos verdadeiramente. Quer dizer, o que ela traz é algo de extrema importância, apontando uma implicação da produção

subjetiva de um estado psíquico que é bem atual, evidenciando uma faceta do mal-estar na contemporaneidade. Esta produção de subjetivação está imersa numa atmosfera que se pauta por uma construção na forma de um narcisismo que se forja na superficialidade do ser.

## 5- Conclusão

Após termos feito um mapeamento sobre os novos quadros da adolescência expostos na contemporaneidade, colocamos em questão a legitimidade dos critérios pautados no discurso biológico e psicológico para identificar hermeticamente uma “idade da vida”. Vimos que a adolescência se estende na atualidade, por conta de mudanças estruturais no seio da sociedade, em decorrência dos impositivos econômicos.

Desta forma, a adolescência se situa como forjada por uma complexa e múltipla rede de fatores determinantes, que não se esgotam no enquadramento etário tradicional. Num artigo intitulado “Adolescência Prolongada”, Cintra (2006) discute o caso de uma paciente “cuja adolescência se prolongava interminavelmente, minando a sua esperança de algum dia crescer e emancipar-se.” (p.45). Cintra situa a problemática na fragmentação do superego arcaico, que seria a causa de sua desestruturação psíquica. Este exemplo de leitura psicanalítica sugere uma assertiva ontogenética para a questão em debate. O que tentamos chamar atenção neste estudo é que para entender a adolescência é preciso ampliar o foco, desconstruir a idéia de que a adolescência é um período formal, bem circunscrito entre a infância e a vida adulta.

O foco dos dispositivos virtual foi eleito como ângulo privilegiado para adentrar algumas especificidades deste novo adolescente em comparação com o adolescente tradicional. Isto porque as novas tecnologias são um importante vetor na caracterização do modo de ser contemporâneo. A adolescência atual se prolonga não porque o adulto vive uma etapa “errada” da vida, mas porque justamente ela não se encaixa neste quadro estereotipado como se costuma entender o adolescente.

## 6- Referências Bibliográficas

Ariès, P. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1981.

Bauman, Z. *O Mal-Estar Da Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

Birman, J. Adolescência Sem Fim? Peripécias do Sujeito Num Mundo Pós-Edipiano. In: *Destinos da Adolescência*. Marta Rezende Cardoso & François Marty (org.). Rio de Janeiro, 7letras, 2008.

\_\_\_\_\_. Dor e sofrimento na contemporaneidade: sobre o sujeito na modernidade e na pós-modernidade. *Trieb*, 5 (1), 165-181, 2006.

\_\_\_\_\_. *Mal-estar na Atualidade: a Psicanálise e as Novas Formas de Subjetivação*. Civilização Brasileira Editora, Rio de Janeiro, 2007.

Birraux, A. *L'adolescence face a son corps*. Paris: Bayard, 1994.

Bruno, F. Quem está olhando? Variações do público e do privado em weblogs, fotologs e reality shows. *Contemporânea*, 3 (2), 53-70, 2005.

Castells, M. *A Era da Informação: economia, sociedade e cultura*, vol. 3, São Paulo: Paz e terra, 1998.

Cintra, E. Adolescência Prolongada. In: *Adolescentes*. Marta Rezende Cardoso, Helena Aguiar et al.(org.), Editora Escuta, 2006.

Debord, G. *A Sociedade do Espetáculo*, tradução de Estela dos Santos Abreu. São Paulo: Editora Contraponto, 1997.

Emmanuelli, M. A Clínica da Adolescência. In: *Destinos da Adolescência*. Marta Rezende Cardoso & François Marty (org.). Rio de Janeiro, 7letras, 2008.

Fidalgo, A. O modo de informação de Mark Poster. In: J.C. Correia, org., *Comunicação e Poder*. Universidade da Beira Interior, 345-363, 2001.

Foucault, M. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1983

\_\_\_\_\_. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008

Freud, S. *Fragmento da Análise de um caso de Histeria*. Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e Outros Trabalhos, (1905) 2006.

\_\_\_\_\_. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos, (1914) 2006.

Jungblut, A. A Heterogenia do mundo on-line: Algumas reflexões sobre a Virtualização, Comunicação Mediada por Computador e Ciberespaço. *Horizontes Antropológicos, Porto Alegre*, (10) 21, p. 97-121, jan./jun. 2004.

Lasch, C. *A Cultura do Narcisismo*. Editora Imago- Rio de Janeiro, 1983.

Lévy, P. *Cibercultura*. Editora 34. São Paulo 1999.

Lianos, M. Le controle social après Foucault. *Surveillance & Society* 1 (3), p. 431-448, 2003.

Primo, A. *A emergência das comunidades virtuais*. In: Intercom 1997 – XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 1997, Santos. Disponível em: [http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades\\_virtuais.pdf](http://www.pesquisando.atraves-da.net/comunidades_virtuais.pdf). 1997.

Sennett, R. *A Corrosão do Caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.